

Versão reelaborada de um texto publicado no Caderno 2/Cultura de *O Estado de S. Paulo* em 6/2/2005, com o título "Verdades e Vergonhas" e o subtítulo "Dossiê relembra atividade da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra".

Parece incrível: quase sessenta anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o dossiê sobre a FEB publicado pela revista *Nossa História* em sua edição de janeiro ainda atinge com intensidade aqueles que participaram dos acontecimentos. Aliás, não será novidade afirmar que os textos mais consistentes sobre a guerra surgiram muitos anos depois que ela acabou. No Brasil, isso parece ainda mais verdadeiro, mas com uma ressalva: além dos relatos oficiais e uns poucos escritos que iam além do registro imediato, houve o importante *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*, publicado pela editora Ipê de São Paulo pouco após o regresso da Itália (1).

Veja-se o caso dos nossos correspondentes de guerra. O que eles publicaram anos depois é bem mais forte do que as crônicas de jornal aparecidas na época. Rubem Braga procurou justificá-las pela censura então exercida. Mas, na verdade, somente anos depois ele conseguiria dar, sobre este tema, algo mais vigoroso e condizente com seu pulso de

As duras verdades da

guerra

BORIS SCHNAIDERMAN

escritor. Que o diga, por exemplo, a apresentação impressionante que escreveu para o “caderno de guerra” de Carlos Scliar (2). E o mesmo se pode dizer de alguns textos de Joel Silveira (3).

O dossiê da revista *Nossa História* inicia-se bastante manso: no texto “A Luta antes da Guerra”, o general reformado Aureliano Moura, presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, faz um histórico bem equilibrado das vicissitudes da organização e preparo da FEB antes de entrar em ação. Todavia, a revista de modo algum se ateve às versões oficiais. Isto se evidencia logo a seguir com um artigo bem curto (que pena!) de Luís Felipe da Silva Neves, autor também de uma dissertação de mestrado sobre a FEB e de um estudo muito bom e muito pessoal sobre o mesmo tema, no livro coletivo *Segunda Guerra Mundial – Um Balanço Histórico* (4).

O texto atual é muito mais sintético, mas, assim mesmo, com alguns dados interessantes como, por exemplo, a explicação de que a cobra fumando, símbolo da FEB, era uma “resposta aos incrédulos, que diziam ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil lutar contra os nazistas”. Muito estranho: uma pesquisa universitária, tantos anos após os acontecimentos, esclarecendo pormenores que eu desconhecia.

O que ressalta de seu trabalho é a situação dura enfrentada pelos brasileiros. Reforçando o que ele nos transmite de muitos relatos orais, aparece um trecho violento do livro de Leonercio Soares sobre a campanha na Itália (6).

Que tristeza, esse fato de nossa realidade cultural! Livros importantes, editados longe dos centros maiores, muitas vezes não chegam ao conhecimento desses públicos. Veja-se o texto em questão:

BORIS SCHNAIDERMAN é professor aposentado da FFLCH-USP, tradutor e ensaísta. É autor de, entre outros, *Os Escombros e o Mito* (Companhia das Letras).

Nossa História, ano 2, nº 15, São Paulo, Vera Cruz, janeiro de 2005.



- 1 Houve mais duas edições. Disponho da terceira: Rio de Janeiro, Cobraci, s/d.
- 2 Datada de agosto de 1969. A edição mais recente saiu em 1995 pela Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- 3 Por exemplo: Joel Silveira, “A Paz Abriu o Caminho da FEB”, in *Todos Erraram, Inclusive a FEB*, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.
- 4 Publicado pelo Departamento de História da USP em 1995.
- 5 César Campiani Maximiano, *Onde Estão Nossos Heróis*, São Paulo, edição do autor, 1995.
- 6 Leonercio Soares, *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*, Curitiba, edição do autor, 1984.

“A terra, pisada e repisada pelos pés dos soldados, tornou-se um lamaçal pastoso e gelado. E fétido, também. Sobretudo ali, naquelas medonhas e encharcadas posições abertas, em forma de túnel, enrustidas que foram sob o velho cemitério de Bombiana. Ali, naqueles buracos de toupeiras, sentia-se ainda muito frio no decorrer das noites. As mãos gelavam-se ao tocar na terra negra e malcheirosa. Dela, permanentemente emanava o odor sepulcral de defuntos centenários, confundindo-se, misturando-se e aderindo ao fedor de feno podre que enchia os galochões – o fedor de chulé, de suor velho e enalacrado, o mau cheiro de toda sorte de sujeira acumulada nos corpos vivos que conviviam com os mortos. Um bafejo forte escapava do fundo da terra do velho cemitério – emanção pegajosa, grudenta, nauseante, impregnava todas as coisas que ali se encontravam”.

Dá o que pensar o fato de um texto de tamanha força ficar perdido num livro editado pelo autor e hoje esquecido!

Igualmente oportuno é o relato de Francisco César Alves Ferraz, “A Guerra em Tempo de Paz”, onde se narra a história triste do abandono em que ficaram nossos soldados, até que a Constituição de 1988 lhes garantiu direito a pensão. O autor publicou também o livro *A Guerra que Não Acabou: a Reintegração Social dos Veteranos da FEB* (7). E o artigo mostra como esse abandono a que eles ficaram relegados ligava-se a um clima geral de descrença no que haviam enfrentado e vencido.

Em relação a isso, não posso deixar de relatar uma vivência pessoal. Ocorreu na década de 1960 a inauguração do monumento-mausoléu aos nossos combatentes mortos na Segunda Guerra Mundial, construído no Rio. Fomos então convidados a carregar as urnas com as cinzas dos companheiros. Lembro-me que nos concentramos perto da Praça Mauá, onde estavam também os parentes dos que tombaram em combate. Em meio àquela gente, logo notei um rosto familiar: uma mulher humilde, magra, acompanhada de alguns filhos. Não podia haver dúvida, eu conhe-

cia aquele rosto. A pele mulata, os olhos muito vivos, o nariz arredondado, o queixo prognata e o lábio inferior bem saliente não me enganavam: só podia ser a mãe de meu companheiro Berlim, motorista que morreu ao volante de seu jipe, num dos bombardeios da ponte Silla, junto à qual estávamos acantonados. Lembro-me dele, jogando-se na neve às gargalhadas e gritando: “Berlim caiu! Berlim caiu!”. Acerquei-me dela e falei de seu filho, que eu nunca mais esqueci.

Transtornado como estava, cheguei a cambaleiar e fui amparado pelos que se encontravam perto. “O que ele tem? O que foi que aconteceu?” – interessou-se alguém que assistia à cena. E depois que lhe explicaram do que se tratava, ouvi o comentário: “Ora, para que tanta história? Afinal, nossos soldados só morreram de bebedeira ou desastre de jipe”.

Ainda sobre este mesmo tema, a revista traz uma página dramática de Maria Leônia Chaves de Rezende, professora de História na Universidade Federal de São João Del-Rei (MG), onde relata o caso de seu pai que, depois de desmobilizado, tendo de sustentar numerosa família, não conseguiu outro meio para conseguir recursos senão fingir-se de louco, a fim de obter a almejada pensão. Devido a isso, permaneceu internado no Hospital Central do Exército durante quatro meses e, numa segunda internação, mais dezessete dias, enquanto sua mulher, professora primária, se encarregava dos onze filhos do casal. A revista traz ainda um texto de Regina da Luz Moreira, “A Vida Longe do Front”, onde se relata o cotidiano carioca durante a guerra.

São de se louvar também alguns comentários da redação, que ajudam a reconstituir a estranha epopéia em que nosso povo sofrido mostrou sua fibra e capacidade de resistência. A grande maioria não sabia por que e para que estava na Itália, depois de deixar um país submetido à feroz ditadura do Estado Novo, a fim de defender a democracia sobre a neve e o gelo das montanhas italianas. No entanto, eles se desincumbiram da tarefa como os melhores. O dossiê de *Nossa História* tem o grande mérito de lembrar isto às novas gerações.

7 Francisco César Alves Ferraz, *A Guerra que Não Acabou: a Reintegração Social dos Veteranos da FEB*, São Paulo, Edusp, 2003.